

## **A Belle Époque nas crônicas de João do Rio: o olhar de um *flâneur***

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Calado-UFPB/FAPESQ

### **RESUMO**

Travestido de *flâneur*, o escritor de *fin-de-siècle* Paulo Barreto (1881-1921), com o pseudônimo de João do Rio, percorre ruas, becos, ladeiras, atalhos, desde a periferia às belas avenidas cariocas, à procura da matéria-prima de que é composta sua obra: o universo urbano da então capital brasileira no contexto de efervescências da *Belle Époque*. Sob o olhar ao mesmo tempo atento e despretenso do escritor, múltiplos retratos da cidade do Rio de Janeiro e seus personagens vão se revelando através da tessitura de **A alma encantadora das ruas**, coletânea de textos editada em 1908. Entre a consciência do escritor e jornalista, as crônicas de João do Rio refletem ora uma fina observação denunciadora dos costumes, vícios e preconceitos daquela sociedade, refletindo sobre o processo de marginalização de alguns setores daquela população; ora o encantamento com o processo sócio-cultural de modernização pelo qual a sociedade passava no limiar do século XX. Refletindo, em um primeiro instante, sobre as características do gênero literário escolhido por João do Rio para captar o flagrante do cotidiano urbano, a crônica, a presente comunicação se propõe a destacar o olhar analítico do escritor-*flâneur* João do Rio na sua produção cronística a partir do contexto da *Belle Époque*.

**PALAVRAS-CHAVE:** João do Rio, crônica, *flâneur*, *Belle-Époque*.

Há exatamente 100 anos, o escritor jornalista Paulo Barreto (1881-1921), conhecido como João do Rio, publicou sua coletânea de crônicas intitulada **A alma encantadora das ruas**. O primeiro texto inicia-se com uma confissão -“Eu amo a rua” – confissão que, no nosso entender, denuncia a própria essência da atividade de cronista, a *flânerie*, ou a arte de perambular pelas ruas em busca de flagrantes do cotidiano. Intitulada “A rua”, tal crônica que abre a coletânea, foi originariamente uma conferência em homenagem à inauguração da Avenida Central no Rio de Janeiro (atual Av. Rio Branco), em 1905. Via principal da cidade, tal avenida tornou-se o marco da *Belle Époque*, de um universo de simulacro e representações, onde a rua ultrapassa a condição de espectadora, tornando-se a protagonista desse momento histórico. Para a montagem de seu novo papel, o da personificação do modernismo europeu, a bela avenida foi

obrigada a se desfazer de seus traçados irregulares, de seus casebres insalubres, e de todos os seus transeuntes, moradores e comerciantes de baixa-renda, que foram empurrados para atuarem em um papel também emergente, o da favelização, na periferia da cidade.

Espectador dessa dupla montagem, João do Rio enquanto cronista participa, através da pena, do processo de construção desses dois espaços protagonistas da ordem e da desordem. Entre a consciência do escritor e jornalista, as crônicas de João do Rio refletem ora uma fina observação denunciadora dos costumes, vícios e preconceitos daquela sociedade, refletindo sobre o processo de marginalização de alguns setores daquela população; ora o encantamento com o processo sócio-cultural de modernização pelo qual a sociedade carioca passava no limiar do século XX.

Refletindo, em um primeiro instante, sobre as características da crônica, gênero literário escolhido por João do Rio para captar o flagrante do cotidiano urbano, a presente comunicação se propõe a “flanar” com João do Rio pelo agrupamento de crônicas que compõem a obra **A alma encantadora das ruas**, reeditada em 1997, pelo professor Raúl Antelo. Das vinte e sete crônicas organizadas em cinco partes: “A rua”, “O que se vê nas ruas”, “Onde às vezes termina a rua”, “A musa das ruas”, focalizaremos algumas mais significativas para destacar o papel social do escritor na retratação do processo modernizador da mentalidade carioca e do lado *gauche* da *Belle-Époque*.

### **1. Dos *chroniqueurs* medievais aos cronistas do cotidiano**

Gênero híbrido entre a Literatura e a História, a crônica em seu princípio corresponde a narrativas de fatos históricos registrados na ordem de sua sucessão,

guardando assim o seu significado etimológico - *Chronikós*, no grego, relativo a tempo (*chrônos*). Ligado, portanto, à cronologia dos fatos sociais e históricos, esse gênero desempenhou um papel de destaque em determinadas épocas, como é o caso da Idade Média, período em que a fronteira entre ficção literária e relato histórico era bastante frágil. Mesmo se o registro do real através de testemunhos diretos de fatos históricos tenha sido a característica primeira dos textos em prosa dos chamados *chroniqueurs* medievais, tais como Geoffroi de Villehardouin(séc XII), Robers de Clari(séc XIII), Jehans de Joinville(séc XIII), Jean Froissart(séc XIV), suas crônicas apresentavam elementos consideravelmente subjetivos, retomando assim as nuances da ficção literária. Provavelmente o mais conhecido desses “cronistas” tenha sido o escritor Jean Froissart, autor de uma das mais importantes fontes sobre a Guerra dos Cem Anos. Como historiador oficial da corte de Eduardo III, rei da Inglaterra, Froissart buscava em suas viagens a matéria prima para seus relatos históricos, mencionando os problemas políticos e a emergência de novas classes sociais, como a burguesia. Esse compromisso em registrar momentos históricos, mostrar as interfaces das relações entre classes sociais distintas e atuar como agente formador da opinião do leitor são características marcantes da crônica, e que acompanham esse gênero nas suas distintas fases ao longo dos séculos. No século XIX, como ressalta o pesquisador Wellinton Pereira(1994, p.36), apesar de encontrarmos de um lado “a crônica com a liberdade estética, com a facilidade de reescrever gêneros, de inverter a cumplicidade leitor versus autor; do outro, um jornalismo rígido, doutrinário, no qual ainda predomina a opinião.[...] as crônicas, aos poucos, vão escapando da necessidade premente de doutrinar o leitor, para se constituírem num espaço de exercício da linguagem literária.”

Esse exercício do discurso literário consolida a crônica enquanto um gênero literário que se expressa dentro do espaço jornalístico. No jornal do século XIX, a

crônica aparece como uma plataforma aberta aos jovens escritores para ingressarem na carreira literária, assim como aconteceu com o folhetim, consagrando, através da aceitação do público leitor, escritores como Balzac, Dumas, Eugène Sue, cujas narrativas fragmentadas nas páginas dos jornais foram em seguida publicadas em forma de romance.

No Brasil de *fin-de-siècle*, o escritor João do Rio se destaca como o principal elaborador da roupagem estética da crônica moderna, gênero mais adequado ao registro do efêmero. Como reflete o pesquisador Renato Cordeiro Gomes (2005, 13-14), na seleção de textos sobre o escritor, publicada na “Coleção Nossos Clássicos”:

João do Rio demonstra uma aguda consciência do papel da imprensa no mundo moderno, tributário do instante (lembre-se de que “O instante” é o título da coluna que assina com o pseudônimo Joe, na Gazeta de Notícias e depois em O Paiz), e prende-se à matéria (a realidade observada), com que vai construindo uma obra em progresso, aberta e inacabada, esse poema semanal, cuja grandeza, sem a grandiloquência do épico tradicional, é feita do instantâneo (como o fixado pelo fotógrafo, como afirma uma crônica de Pall-Mall Rio), do flagrante do cotidiano urbano. Dessa mesma matéria escreve seus contos, romances e peças de teatro, adotando muitas vezes o artifício, característico da obra de arte. Fica, portanto, entre o pragmatismo do jornalista e a autonomia do artista, entre a mercadoria e a arte.

## **02. As ruas cariocas e o avesso da *Belle-Époque***

Travestido de *flâneur*, João do Rio percorre ruas, becos, ladeiras, atalhos, desde a periferia às belas avenidas cariocas, à procura da matéria-prima de que é composta sua obra: o universo urbano da então capital brasileira no contexto de efervescências da *Belle Époque*. Sob o olhar ao mesmo tempo atento e desprezioso do escritor, múltiplos retratos da cidade do Rio de Janeiro e seus personagens vão se revelando através da tecitura de **A alma encantadora das ruas**.

Rio de Janeiro, então capital da República, apresenta-se no final do século XIX e início do século XX como o retrato da modernidade emergente. O novo traçado das largas avenidas recém-construídas no centro do Rio, sob a intervenção do prefeito Pereira Passos, inspirando-se no projeto arquitetônico do Barão Haussmann, em Paris, define a nova paisagem urbana e cosmopolita da capital, povoada por tipos elegantemente vestidos, com terno bem talhado, camisa de seda, colarinho alto, colete, chapéu de bico, monóculo e bengala - o retrato do carioca *snob*, o “dândi”, aos moldes do figurino elegante do célebre Oscar Wilde. A imagem da pomposa Avenida Central serve de ícone desse momento de redefinição do espaço urbano.



Disponível em: <http://www.acphoto.hpg.ig.com.br/Rioantigo/>

Os valores dessa Nova Ordem Mundial – modernização, embelezamento do espaço público, europeização dos costumes, representantes da *Belle Époque* são também fortemente visíveis na vida literária de então. A reação de grande parte dos literatos da época é de apoio a esse projeto de reurbanização proposto pelo prefeito carioca. A reflexão do poeta parnasiano Olavo Bilac, por exemplo, publicada na revista **Kosmos**, em 1904, resume bem tal deslumbramento com o moderno:

Há poucos dias, as picaretas, entoando um hino jubiloso, iniciaram os trabalhos de construção da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condenadas. [...] No abrir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso e do Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente. Com que alegria cantavam elas - as picaretas regeneradoras! E como as almas dos que ali compreendiam bem o que elas diziam, no seu clamor incessante e rítmico, celebrando a vitória da higiene, do bom gosto e da arte! (Pesavento:1999, p. 183)

Essa mesma idéia do progresso, de modernização como única via de bem-estar social, está presente também na obra de João do Rio, que encarnando valores positivistas de cega crença no progresso, relata seu repúdio a tudo que vem da tradição, ao popular, por considerar aprisionadores de um passado retrógrado. Na crônica “Os mercadores de livros e a leitura das ruas”, Do Rio tece o seguinte comentário a respeito das obras mais vendidas entre os mercadores de livro: as narrativas populares **Princesa Magalona, Donzela Teodora, História de Carlos Magno**, em tom de indignação:

Essa literatura, vorazmente lida na Detenção, nos centros de vadiagem, por homens primitivos, balbuciada à luz dos candeeiros de querosene nos casebres humildes, piegas, hipócrita e malfeita, é a sugestionadora de crimes, o impulso à exploração de degenerações sopitadas, o abismo para a gentalha. [...] Que se dirá dessa literatura – pasto mental dos caixeiros de botequim, dos rapazes do povo, dos vadios, do grosso, enfim, da população! Que se dirá desses homens que vão inconscientemente ministrando em grandes doses aos cérebros dos simples a admiração pelo esfaqueamento e o respeito da tolice? (Do Rio: 1997, p.140-144)

É porém esse Rio da periferia, da população excluída, dos becos e ruas sombrias, dos *subways* que constitui a matéria-prima substancial das crônicas de João do Rio. Notadamente nas seis crônicas inseridas na seção “Três aspectos da miséria”, a representação do espaço marginal do submundo carioca está focalizada no olhar do

escritor-jornalista. Em uma delas, intitulada “Sono calmo”, João do Rio, a convite de um delegado, percorre os espaços urbanos da miséria e de maneira despretensiosa relata suas sensações, denunciando o espaço *underground* das margens do Rio, ao retratar o avesso do “Cartão-Postal” dessa *Belle-Époque*. Vejamos por exemplo um trecho da crônica, publicada anteriormente na **Gazeta de Notícias**, em 10/06/1904, sob o título “O sono da miséria”, na série “A pobre gente”:

Íamos caminhando pela rua da Misericórdia, hesitantes ainda diante das lanternas com vidros vermelhos. Às esquinas, grupos de vagabundos e desordeiros desapareciam ao nosso apontar e, afundando o olhar pelos becos estreitos em eu a rua parece vazar a sua imundície, por aquela rede de becos, víamos outras lanternas em forma de foice, alumando portas equívocas. Havia casas de um pavimento só, de dois, de três; negras, fechadas, hermeticamente fechadas, pegadas uma à outra, fronteiras, confundindo a luz das lanternas e a sombra dos balcões. Os nossos passos ressoavam num desencontro nos lajedos quebrados. A rua, mal iluminada, tinha candeeiros quebrados, sem a capa *auer*, de modo que a brancura de uns focos envermelhecia mais a chama pisca dos outros. Os prédios antigos pareciam ampararem-se mutuamente, com as fachadas esborcinadas, arrebentadas algumas. De repente uma porta abria, tragando, num som cavo, algum retardatário. Trechos inteiros da calçada, imersos na escuridão, encobriam cafajestes de bombacha branca, gingando, e constantemente o monótono apito do guarda noturno trilava, corria como um arrepio na artéria do susto, para logo outro responder mais longe e mais longe ainda outro ecoar o seu áspero trilo. No alto, o céu era misericordiosamente estrelado e uma doce tranquilidade parecia escorrer do infinito.” (Do Rio: 1997, p.280).

Esse olhar atento de João do Rio pelas ruas da periferia revela seu segredo para captar as diversas essências das almas da rua: o hábito de flunar. O escritor faz da *flânerie* um modo de vida, sua maneira de estar no mundo, única capaz de resgatar a efemeridade dos flagrantes urbanos, fornecedora da matéria-prima para sua construção textual.

### 03. A arte de flunar

A figura do *flâneur* pode ser considerada produto da emergente modernidade urbana. A obra de Walter Benjamin, “Paris: capital do século XIX”, embora não conceituando nitidamente o que seria o *flâneur*, identifica Paris como a criadora do tipo *flâneur*. A possibilidade de deambulação oferecida pela cidade, e o surgimento dos bens culturais inseridos em um contexto híbrido entre a noção de obra de arte e sua identificação com mercadoria e o valor de troca, remetem ao processo de modernização desenfreada nas principais capitais da época, trazendo fonte de indagações e curiosidades ao olhar sensível do *flâneur* - que como define Baudelaire: “é o pintor da vida moderna”.

Na primeira seção de “A alma encantadora da rua”, intitulada “A rua”, o próprio João do Rio (p.51-53) dá a sua definição da arte de flunar:

Flunar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, eu podem ficar eternamente adiadas. [...] Quando o flâneur deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebível futilidade dos pedestres da poesia de observação.

Ainda nessa crônica, o escritor continua sua reflexão sobre a figura do *flâneur*, identificando suas várias faces: o *bonhomme* “possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com doçura”(p.52), o *ingênuo*, “que conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história, como se sabe a história dos amigos (quase sempre mal), acaba com a vaga idéia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo”(p.53), o **poeta da observação**, capaz de refletir, deduzir e “concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas”(p.53).



A *persona*<sup>1</sup> transeunte na qual João do Rio se transverte para captar os flagrantes do cotidiano da metrópole sai às ruas com lentes reveladoras da relação híbrida do localismo e do cosmopolitismo, explicada por Antônio Cândido (2002, p.110) como a “tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição européia (que se apresentam como forma da expressão)”. As seções “O que se vê nas ruas”, “Três aspectos da miséria” e a série de reportagens sobre o crime publicadas na **Gazeta de Notícias**, reunidas na quarta seção sob o título “Onde às vezes termina a rua” representam bem esse dado do específico, do local, através da escolha dos personagens que povoam as ruas cariocas: tatuadores, mercadores de livros, músicos ambulantes, velhos cocheiros, mulheres mendigas, trabalhadores de estiva, prostitutas, pivetes, mulheres detentas, cordões carnavalescos...

Ao mesmo tempo, na crônica “A rua”, observamos a presença constante do universal através da análise do perfil físico e moral das ruas do Rio, sempre relacionadas com outras descrições do espaço urbano, refletidas na obra de autores como Rimbaud, Bellamy, Gustavo Khan, Wells, e a noção da rua babélica e do labirinto dos mapas das cidades modernas, como New York, Berlim, Paris.

Assim como João do Rio observa vários tipos de *flâneurs*, de acordo com seus atos, suas percepções, as ruas também são pensadas na sua obra enquanto agentes da *flânerie*, na medida em que ele lhes atribui uma alma, cujos humores agem de maneira encantatória sobre os trausentes, ora trazendo-lhes alegria, ora medo e amargura. João do Rio (1997, p.82) explica:

---

<sup>1</sup> O termo *persona* (pessoa) aqui empregado corresponde ao vocábulo latino que significa máscara, no sentido de personagem. Segundo o Dicionário de Filosofia “A definição habitualmente recorrente nessas ciências [Ciências Sociais] de **Pessoa** [grifo meu] ‘como indivíduo provido de status social’, faz referência à rede de relações sociais que constituem o *status* da pessoa. A consideração da **Pessoa** como unidade individual, com a qual se lida no domínio considerado por essas ciências, corresponde à mesma determinação conceitual do termo como agente moral, sujeito de direitos civis e políticos ou, em geral, membro de um grupo social. O homem é **Pessoa** porque, nos papéis que desempenha, é essencialmente definido por suas relações com os outros.”

“[...] considere a rua um ser vivo tão poderoso que consegue modificar o homem insensivelmente e fazê-lo o seu perpétuo escravo delirante, e mostrei mesmo que a rua é o motivo emocional da arte urbana mais forte e mais intenso. A rua tem ainda um valor de sangue e de sofrimento: criou um símbolo universal. Há ainda uma rua, construída na imaginação e na dor, rua abjeta e má, detestável e detestada, cuja travessia se faz contra a nossa vontade, cujo trânsito é um doloroso arrastar pelo enxurro de uma cidade e de um povo. Todos acotovelam-se e vociferam aí, todos vindos da rua da Alegria ou da rua da Paz, atravessando as betesgas do Saco do Alferes ou descendo de automóvel dos bairros civilizados, encontram-se aí e aí se arrastam, em lamentações, em soluços, em ódio à Vida e ao Mundo. [...]

Na última seção, publicada inicialmente na revista **Kosmos**, com o título “A Musa urbana”, o escritor-jornalista revela poeticamente o caráter social da rua, de onde ele próprio retira inspirações para sua escrita do cotidiano: “Nesta Cosmópolis, que é o Rio, a poesia brota nas classes mais heterogêneas.” João do Rio posiciona-se, assim como a figura do *flâneur*, como o homem da multidão, que perambula entre as ruas da metrópole para pintá-la como musa, numa relação de idealização e não exclusividade: “A musa urbana, a Musa das ruas, que ri dos grandes fatos e canta os seus amores pelas esquinas, nas noites de luar, a Musa é a de todo um milhão de indivíduos”.

#### 4. Últimas considerações

Longo passeio ainda teríamos pelas ruelas, becos e avenidas e os labirínticos espaços da capital brasileira da Belle Époque retratada nas crônicas de João do Rio, porém temporariamente iremos concluir nossa *flânerie* pela **Alma encantadora das ruas**, salientando dois aspectos que definem bem a hibridez do reporter-escritor João do Rio. Provavelmente sua característica mais marcante seja essa ambigüidade presente em suas crônicas: ora o dândi elegante, freqüentador dos requintados *cafés* e *magazins* das largas avenidas do Rio, ora o *flâneur* do submundo carioca. Tal hibridez se manifesta na

sua própria escrita, na sua arte de diluir na criação jornalística uma grande dosagem de lirismo, estabelecendo a partir de então uma nova maneira de se pensar esse gênero literário no Brasil.

O olhar atento de um observador do presente deixou-nos um registro importante a partir de seu encantamento com o espaço urbano, e a percepção da diversidade cultural da cidade do Rio no período histórico de profundas transformações. Nesse sentido, a narrativa do cotidiano das ruas tecida a partir do olhar do *flâneur* deixa-nos entrever a consciência de João do Rio do seu papel social enquanto escritor, nos moldes definidos por Antonio Cândido(2002, p.74):

[...]o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e o especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público.

Razões, portanto, não faltam para retomarmos o passeio, lançando um convite para redescobrir os *tableaux* cariocas da *Belle Époque*, pintados por João do Rio, na coletânea **A alma encantadora das ruas**, como forma de homenagear o centenário dessa obra-prima da literatura brasileira.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTELO, Raúl. **João do Rio : o dândi e a especulação**. Rio de Janeiro: Taurus/Timbre, 1989.
- ANTELO, Raúl (org.). **A alma encantadora das ruas - João do Rio**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- ARRIGUCI JR., Davi, "Fragmentos sobre a crônica". In.: **Enigma e comentário. Ensaios sobre literatura e experiência**, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- BAUDELAIRE, C. **Les fleurs du mal – suivies de Petits poèmes en prose**. Paris: Bordas, 1949.
- BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin. In.; **Sociologia**. Trad. e introdução de Flávio R. Kothe. 2ed. São Paulo: Ática, 1991.

- \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas** Vol. III. *Charles Baudelaire, um Lírico no Auge do Capitalismo*. Trad. e org. de José Carlos Martins e Hermerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão. A crônica: o gênero, sua fixação e sua transformação no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio**. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1996.
- LEVIN, Orna Messer. **As figurações do dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio**. Campinas: UNICAMP, 1996.
- MOISÉS, Massaud. A crônica. In.: **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- PEREIRA, Wellington. **Crônica: a arte do útil e do fútil**. João Pessoa: Idéia, 1994.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade: visões literárias do Urbano** – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- SECCO, Carmen L. T. **Morte e prazer em João do Rio**. Rio de Janeiro: F.Alves: Instituto Estadual do Livro, 1978.